

# Canindé

Revista do Museu de Arqueologia de Xingó



# Canindé

Revista do Museu de Arqueologia de Xingó

Nº 6

Dezembro/2005



# Canindé

Revista do Museu de Arqueologia de Xingó

## EDITOR

José Alexandre Felizola Diniz

MAX, Universidade Federal de Sergipe

## COMISSÃO EDITORIAL

Albérico Queiroz	UNICAP
Ana Lúcia Nascimento	UFRPe
André Prous	UFMG
Aracy Losano Fontes	UFS
Beatriz Góes Dantas	UFS
Cláudia Alves Oliveira	UFPe
Emílio Fogaça	UCG
Gilson Rodolfo Martins	UFMS
José Alexandre F. Diniz Filho	UFG
José Luiz de Moraes	MAE/USP
Josefa Eliane S. de S. Pinto	UFS
Márcia Angelina Alves	MAE/UDP
Maria Cristina de O. Bruno	MAE/USP
Marisa Coutinho Afonso	MAE/USP
Pedro Augusto Mentz Ribeiro	LEPAN/FURG
Pedro Ignácio Schmitz	IAP/RS
Sheila Mendonça de Souza	FIOCRUZ
Suely Luna	UFRPe
Tania Andrade Lima	M.N/UFRJ

Pede-se permuta  
Ou demande l'échange  
We ask for exchange  
Pede-se canje  
Si richiede lo scambo  
Mann bitted um austausch

Home Page: [www.max.org.br](http://www.max.org.br)

E-mail: [max@ufs.br](mailto:max@ufs.br)

A revisão de linguagem, as opiniões e os conceitos emitidos nos trabalhos são de responsabilidade dos respectivos autores.

## EDITORIAL

A revista Canindé, graças ao inestimável patrocínio da PETROBRÁS, através da Lei de Incentivo à Cultura, chega ao seu sexto número, a segunda edição referente a 2005 na nova modalidade bianual.

Com este número, atinge-se a publicação de 76 trabalhos, entre artigos e notas, tratando dos mais diferentes temas arqueológicos e contemplando áreas correlatas de outras ciências. Desses trabalhos, 71,1% versaram sobre Arqueologia e, nesse conjunto, 22,2% abordaram temas gerais e análises de sítios específicos, 9,3% trataram de Antropologia Física e Genética, 9,3% discorreram sobre questões relacionadas a cerâmica, 11,1% relacionadas a material lítico, enquanto 11,1% investigaram pontos ligados a ritualidade funerária.

O Museu de Arqueologia de Xingó considera a CANINDÉ o seu primordial veículo de divulgação de produção científica, sobretudo arqueológica, quer oriunda dos pesquisadores do próprio MAX, quer advinda de outros centros de pesquisa. A continuidade dessa publicação reveste-se, portanto, da mais elevada significação para o Museu, que espera poder mantê-la em caráter definitivo graças aos seus patrocinadores.



# SUMÁRIO

EDITORIAL ..... 5

## ARTIGOS

- OS CAÇADORES DO HOLOCENO INICIAL PODIAM TER  
ASSENTAMENTOS ESTÁVEIS? ..... 11  
PEDRO IGNÁCIO SCHMITZ
  
- PATOLOGÍA ÓSEA EN POBLACIÓN ANTIGUA DEL  
OCCIDENTE DE MÉXICO ..... 25  
JOSEFINA BAUTISTA MARTÍNEZ  
A. F. ALBERTINA ORTEGA PALMA
  
- DATAÇÃO POR RESSONÂNCIA DO SPIN ELETRÔNICO ..... 47  
ANGELA KINOSHITA  
OSWALDO BAFFA
  
- SÍTIO PRADO, ESTADO DE MINAS GERAIS:  
CARACTERIZAÇÃO MICROESTRUTURAL E QUÍMICA  
DE AMOSTRAS DE CERÂMICA INDÍGENA ..... 67  
EVARISTO PEREIRA GOULART; MÁRCIA ANGELINA ALVES  
ALEXANDRE ROMILDO ZANDONADI; CASIMIRO SEPÚLVEDA MUNITA  
ROSEMEIRE PETRAUSKAS PAIVA
  
- CONFECÇÃO DE COLEÇÃO OSTEOLÓGICA DE REFERÊNCIA  
E SUA APLICAÇÃO EM ANÁLISES DE VESTÍGIOS  
FAUNÍSTICOS RESGATADOS NO SÍTIO  
ARQUEOLÓGICO MARACAJU-1, MARACAJU, MS ..... 85  
MIRIAN LIZA ALVES FORANCELLI PACHECO  
ÉVELLYN CHRISTINNE BRUEHMUELLER-RAMOS  
GILSON RODOLFO MARTINS
  
- UMA NOVA ABORDAGEM DA PRÉ-HISTÓRIA NO ENSINO  
FUNDAMENTAL: A ÁREA ARQUEOLÓGICA DE XINGÓ ..... 115  
ADMILSON FREIRE DE CARVALHO

- SÍTIOS DE REPRESENTAÇÃO RUPESTRE DA BAHIA  
(1950-1990): LEVANTAMENTO DOS DADOS PRIMÁRIOS  
DOS ACERVOS ICONOGRÁFICOS DAS COLEÇÕES  
ARQUEOLÓGICAS DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA  
E ETNOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA  
BAHIA (MAE/UFBA)..... 139  
CARLOS COSTA
  
- CONTRIBUIÇÃO DA ANÁLISE POR ATIVAÇÃO COM  
NÊUTRONS A ESTUDOS ARQUEOMÉTRICOS:  
ESTUDO DE CASO ..... 159  
CASIMIRO S. MUNITA
  
- PATRIMÔNIO CULTURAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.... 183  
RHONEDS ALDORA R. PEREZ

**NOTAS**

- ¿ ES LA CULTURA EL OBJETO DE LA ANTROPOLOGÍA?..... 205  
LUIS FELIPE BATE
  
- INSTRUÇÕES PARA OS AUTORES ..... 213
  
- ERRATA..... 215

# ARTIGOS



**SÍTIOS DE REPRESENTAÇÃO RUPESTRE  
DA BAHIA (1950-1990): LEVANTAMENTO  
DOS DADOS PRIMÁRIOS DOS ACERVOS  
ICONOGRÁFICOS DAS COLEÇÕES  
ARQUEOLÓGICAS DO MUSEU DE  
ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (MAE/  
UFBA)\***

CARLOS COSTA\*\*

**ABSTRACT**

The history of pre-colonial archaeology in the state of Bahia is full of negative obstacles, which led to the lack of systematization and loss of part of the written records about sites already researched as well as part of the samples of the material culture collected during archaeological researches. A survey on primary data from iconographic files of archaeological collections at Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (MAE/UFBA), which were assembled in Carlos Ott, Valentín Calderón and AAPHB (Sobradinho and Itaparica) collections. Although these collections were somehow fragmented, they allowed us to reestablish basic information on sites of rock art researched between 1950 and 1990 – allowing us to return to the sites – which we publish in this paper.

---

\* Parte dos dados em que se assenta este artigo foi gerado, inicialmente, como trabalho de final de curso de graduação, na Universidade Federal da Bahia, originalmente com o título “Elaboração de Instrumento documental para registro de sítios das coleções arqueológicas do MAE/UFBA”, apresentado no segundo semestre do ano letivo de 2001.

\*\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia / Conservação do Patrimônio da Universidade Federal de Pernambuco. Membro colaborador do Laboratório de Arqueologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (FFCH/UFBA). E-mail: carlinhos\_costa@pop.com.br

## INTRODUÇÃO

Na história da arqueologia científica do estado da Bahia, dos anos 60 à atualidade, houve a atuação de personagens de expressão que, indubitavelmente, marcaram o fazer arqueológico, a exemplo de Thales de Azevedo, Vital Rego, Carlos Ott, Valentin Calderón, dentre outros. Todavia, apesar da expressiva contribuição destes atores, parte dos materiais e documentos dos trabalhos arqueológicos que realizaram não pode ser acessada, por absoluta falta de sistematização ou, em alguns casos, pela perda irreparável dos materiais e documentos que deveria estar, no mínimo, nas reservas e exposições de museus. No entanto, tal perda não está atrelada aos pesquisadores que geraram as coleções, muito menos aos gestores recentes das instituições culturais que as armazenam, mas, refere-se a um histórico de atuação de outros agentes, que ao patrimônio conferiram descaso, relegando o cuidado e a devida salvaguarda durante muito tempo.

Um destes fatores é a ação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / IPHAN (anteriormente Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / SPHAN) na proteção do patrimônio arqueológico. Em decorrência das organizações e re-organizações internas do órgão, de suas constantes mudanças de estruturas de fiscalização (ora com poder centralizado em Brasília ou Rio de Janeiro, ora com fiscalização por delegacias regionais, ora com superintendências regionais e especiais, etc), de seus constantes manejos e re-manejamentos do quadro funcional de um local a outro, da carência de quadro técnico capacitado para tratar da matéria arqueológica, da falta de uma legislação específica atualizada e ágil à proteção do patrimônio arqueológico, da falta de verbas, dentre outros fatores, conduziram a inevitável desorganização e desaparecimento de dados.

No caso da documentação arqueológica, os constantes encaminhamentos de uma regional a outra para análise, pareceres e/ou arquivamento (nem sempre com o devido retorno à regional de origem ou com a informação de onde se encontra o documento) e a falta de sistematização interna das bibliotecas e arquivos levaram ao pouco controle de muitos dos escritos e imagens acerca dos trabalhos arqueológicos: projetos, pareceres, relatórios técnicos/científicos, fichas de registros, fotografias, cartas, plantas, mapas, etc. Isto relativo ao passado da instituição. Mas, não podemos negar que ainda hoje é difícil conseguir acesso aos documen-

tos de pesquisas antigas, pois, o órgão carece de funcionários preparados que possam atender nos arquivos e bibliotecas ou, ainda mais complicado, não dispõe de alguns dos documentos primários nos arquivos<sup>1</sup>.

Se, por um lado, temos a histórica atuação precária do IPHAN na proteção do patrimônio arqueológico, por outro, o histórico das pesquisas arqueológicas no estado da Bahia demonstra os outros fatores que também favoreceram a perda de documentos e artefatos.

Durante os anos 60 e 70 Valentin Calderón, que na ocasião era professor do departamento de Ciências Sociais e único arqueólogo da UFBA, deparou-se com constantes reformulações internas da Universidade, na maioria das vezes políticas. Tal conjuntura político/estrutural da Universidade levou Calderón a submeter os acervos arqueológicos (materiais e seus respectivos documentos de registro e estudo) as constantes mudanças de espaços físicos, de maneira geral inadequados à organização dos acervos; as primárias condições de acondicionamento, em locais abafados propícios a mofo, fungos e traças, conduziram a pouca organização e, às vezes, ao desaparecimento de materiais e documentos. Contudo, frente ao rigor imposto aos trabalhos que realizou, estas mudanças nunca foram intenções de Calderón, de maneira que sempre buscou alternativas ao melhor acondicionamento dos materiais. Para se ter uma idéia, em 1966 criou o Laboratório de Arqueologia, prevenindo institucionalizar um espaço à guarda dos materiais arqueológicos; mas, infelizmente, esta instância não foi à frente. Posteriormente, em 1975, realizou escavações no subsolo da antiga Faculdade de Medicina da Bahia, onde antes existiu o Colégio dos Jesuítas, com o intuito de preparar um espaço adequado à salvaguarda dos acervos gerados em, naquela ocasião, quinze anos de pesquisas. O espaço que viria a ser, em 1983, o Museu de Arqueologia e Etnologia<sup>2</sup>.

Todavia, aquilo que seria a solução na organização dos dados ar-

---

1 A esta última situação referimo-nos, especificamente, ao caso da 7ª Superintendência Regional do IPHAN (Salvador-BA). Num panorama mais abrangente, sugerimos à leitura do artigo “Repensando uma relação: os arqueólogos e o IPHAN” de Tânia Andrade Lima (1997), onde faz um histórico do descaso da União ao patrimônio arqueológico, quando analisa pormenorizadamente a estrutura administrativa e funcional do IPHAN.

2 O Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia foi fundado em 1983. Inicialmente idealizado por Valentin Calderón (que não pode ver seu ideal concretizado, haja vista seu falecimento em 1980), o museu foi, de fato, fundado pelos Professores Antônio Rios, Maria Célia Teixeira e Pedro Agostinho.

queológicos baianos, contrariamente, foi o ponto de maior dissolução, de maior desorganização de parte destas informações. Brigas políticas ocorridas na primeira década de existência do MAE (especificamente no final da década de 80), sobretudo no reitorado do Prof Rogério Vargens, conduzidas por interesses particulares de uns poucos, nada justificados por razões científicas ou sociais, igualmente levaram a perda de informações arqueológicas. Neste momento histórico da instituição, profissionais com larga e sólida formação em arqueologia e em etnologia indígena – a exemplo dos professores Pedro Agostinho, Maria Rosário Gonçalves Carvalho e Carlos Etchevarne – foram substituídos por práticos, com pouca, ou nenhuma, formação técnica/acadêmica. Acerca disto, eloqüentemente preconiza Gabriela Martín:

“(...) apesar do esforço do antropólogo Pedro Agostinho responsável pela organização do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA, pelas rivalidades internas e dissensões políticas a instituição pouco tem produzido. Porém, a partir de 1995, o trabalho conjunto de Ana Gantois, nova diretora do MAE e do arqueólogo Carlos Etchevarne, tem significado uma nova e promissora etapa no desenvolvimento da pesquisa pré-histórica da Bahia.” (Martín, 1999: 41-42)<sup>3</sup>

Se, por um lado, tem-se o enfraquecimento institucional da arqueologia baiana, por outro, de maneira paralela, abre-se o cenário a atuação de arqueólogos sem preparo técnico/acadêmico, que aproveitaram o momento (década de 80) para fazer carreira arqueológica a custa do bem comum da nação. Não poucos foram os salvamentos arqueológicos que, indubitavelmente, traduziram-se em notícias fortuitas da existência de sítios e materiais arqueológicos, ao invés da construção de conhecimento, seja pela pouca perícia no levantamento, reconhecimento e registro de dados arqueológicos ou mesmo no mau acondicionamento e falta de estudo dos materiais. Aos profissionais que executaram estes salvamentos, valia mais o exótico *status* de arqueólogo e dos proventos que isto poderia trazer, do que a responsabilidade social da atividade. Destes trabalhos nenhuma publicação sólida, nenhum relatório técni-

---

<sup>3</sup> Na atualidade o MAE/UFBA está sob a direção de Carlos Caroso, professor do departamento de Antropologia da UFBA.

co e/ou científico e nenhum dos materiais podem ser encontrados (ou, quando são encontrados, estão mal feitos, descontextualizados e/ou mal acondicionados), muito menos estão disponibilizados.

Com este cenário traçado, fica marcado a existência de um problema grave de caráter técnico a boa parte das pesquisas arqueológicas realizadas na Bahia, entre 1950 e 1990: a falta de registro dos dados. Desta maneira, na atualidade, dispomos de poucas informações que nos permitam retornar ao documento arqueológico *in situ*. É com este panorama flagrado que apresentamos nosso trabalho. Trata-se dos resultados de um levantamento de dados ao acervo iconográfico das coleções arqueológicas do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (MAE/UFBA): Carlos Ott, Valentín Calderón e AAPHB (Sobradinho e Itaparica). Nosso objetivo é disponibilizar a comunidade científica as informações sistematizadas sobre representação rupestre no estado da Bahia, a fim de oferecer dados daquilo que já foi pesquisado e que não se encontra publicado.

## **AS REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NOS ANOS 50: AS PESQUISAS DE CARLOS OTT**

O médico alemão Carlos Ott<sup>4</sup> teve atuação na arqueologia baiana entre os anos 40 e 60 do século XX. Efetivamente, não se trata de pessoa com formação estrita voltada a arqueologia, mas, de um arqueólogo amador, que utilizava seu tempo livre para realizar pesquisas. Apesar deste viés pouco científico, seus trabalhos redundaram em dois livros: *Vestígios de cultura indígena no sertão da Bahia*, de 1945, e *Pré-história da Bahia*, de 1958.

Nestes trabalhos, Ott apenas apresenta informações referentes a três sítios de representações rupestres que, de tão fortuito e vago, quase não auxiliam a pesquisa, como pode se ver:

- John Casper Branner teria descoberto pinturas na Serra do Mulato a 60km ao sudoeste de Juazeiro (1910). Contudo, Carlos Ott não visitou o sítio;
- Em Campo Formoso, Bahia, Ott visitou o sítio Buraco d'Água, onde realizou reproduções de painéis do sítio;

---

<sup>4</sup> Embora tenha adotado o nome de Carlos Ott nas publicações, seu verdadeiro nome era Karl B. Ott.

- Em Serrinha Carlos Ott ouviu falar de pinturas; neste município passou alguns dias juntamente com Menandro Negreiros Falcão. Neste momento, visitou a Toca do Cachimbo em companhia de Leobino Ribeiro em busca das pinturas. A caverna consistia de uma entrada baixa, pela qual se rastejava cerca de 4m até uma bifurcação, de onde surgiam dois salões altos (6-8m de altura) com cerca de 5m de comprimento. Mas, apesar de todo esforço empenhado, Ott não achou pinturas no sítio, embora tivesse encontrado material cerâmico, inclusive cachimbos.

Na segunda publicação citada (1958), Carlos Ott re-enfatiza o sítio de Buraco d'Água, dando uma quantidade maior de dados, bem como de reproduções não contextualizadas no sítio e dos painéis. Ademais, apenas informações não comprovadas de sítios rupestres em Juazeiro e Serrinha.

## **AS REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NOS ANOS 60: AS PESQUISAS DE VALENTÍN CALDERÓN**

A atuação do espanhol Valentin Rafael Simon Joaquim Calderón de La Vara na arqueologia baiana esteve concentrada nos anos 60; ligado a UFBA e associado ao PRONAPA<sup>5</sup>, durante este período realizou inúmeros levantamentos, prospecções e escavações em sítios pré-coloniais do interior. Nos anos 70, farto da precariedade em que se encontrava a arqueologia no estado e das condições de trabalho na Universidade, voltou-se aos estudos de arte sacra, quando dirigiu o Museu de Arte Sacra da UFBA. Nestes últimos dez anos de sua atividade, até o seu falecimento em 1980, sua contribuição à arqueologia foi, em maior parte, de caráter burocrático, resumindo-se a escavação do subsolo do antigo Colégio dos Jesuítas em Salvador (hoje, parte da área do MAE), a coordenação distante do “Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico” em 1976-7 (no qual, pouco atuou), ao cargo de delegado regional do IPHAN para assuntos arqueológicos e a idealização e negociação para a fundação do MAE/UFBA, além de algumas poucas publicações<sup>6</sup>.

A contribuição de Valentin Calderón a arqueologia baiana não é

---

<sup>5</sup> Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, idealizado e financiado pelo Smithsonian Institution, sob a coordenação de Betty Meggers e Clifford Evans.

pequena. Podemos dizer que foi ele quem efetivamente assentou as bases para o desenvolvimento da arqueologia científica no estado; até hoje, quarenta anos depois, seus trabalhos são referências aos estudos das populações pré-coloniais do Nordeste. Muitas das classificações de Tradições Arqueológicas de cerâmica, de representação rupestre e de lítico devem-se aos estudos de Calderón; algumas, por exemplo, ainda são muito utilizadas, como a tradição lítica Itaparica e a tradição cerâmica Aratu. Na reserva técnica e arquivo do MAE a quantidade de documentos e materiais arqueológicos de seus trabalhos é imensa. Por este motivo e frente ao que conhecemos das publicações de Calderón, aderimos à observação de Gabriela Martín:

“A obra publicada por Calderón é pequena, se levarmos em conta suas atividades de campo e hoje a perda da identidade e da filiação de muitos dos materiais arqueológicos, produto de suas numerosas prospecções e escavações, representam um prejuízo irreparável para a arqueologia do Nordeste.” (Martín, 1999: 41)

No que se refere às representações rupestres, apesar de sua classificação inicial dos sítios através daquilo que chamou de “tradição realista”<sup>7</sup> (posteriormente “tradição naturalista”<sup>8</sup>) e de “tradição simbolista”<sup>9</sup> para as áreas da Chapada Diamantina e do Planalto, suas publicações pouco expressam da quantidade de sítios rupestres que registrou, pois, apenas trabalham com sínteses. Nos arquivos do MAE, pudemos levantar infor-

---

6 Além disto, de acordo com informações de Antônio Matias, restaurador do MAE que atuou com Calderón de 1966 a 1980, mesmo estando na direção do Museu de Arte Sacra da UFBA Valentin Calderón dispôs duas salas desta instituição para armazenamento dos materiais arqueológicos resultantes das pesquisas ocorridas na década de 60, quando igualmente destinava dois dias da semana (segundas e quartas) para trabalhos com os materiais arqueológicos. Tais atividades laboratoriais eram realizadas com a coordenação de Calderón.

7 “*O exame de uma série de pictografias nas quais é bem visível a intenção de reproduzir homens, animais e plantas, com o máximo rigor permitido pela habilidade técnica de seus autores, levou a identificação de uma forma de expressão artística que por sua difusão espacial e, provavelmente, temporal, suas características de fidelidade aos modelos que se tentaram copiar, denominamos de Tradição Realista, cuja extensão geográfica parece ultrapassar os limites do Estado*” (Calderón, 1983 [1967]: 14). Acreditamos que esta tradição refira-se a atual Tradição Nordeste. Aqui, valer uma ressalva: de acordo com Gabriela Martín, Calderón é o primeiro a aplicar o termo tradição para as representações rupestres (1999: 240). Assim sendo, tradição para Calderón significava o “(...) conjunto de características que se refletem em diferentes

mações de 55 sítios – dentre os quais 50 na Bahia, 2 em Pernambuco, 1 em Minas Gerais, 1 em Goiás e um sem estado definido –, que passamos a apresentar os dados preliminares:

## AS REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NOS ANOS 70: AS PESQUISAS NA BARRAGEM DE SOBRADINHO

Sítios rupestres levantados por Valentin Calderón<sup>10</sup>

Sítio	Município	UF	Vestígio	Data	Obs.
01 Serrote (BA-FN-02 e BA-11)	Curaçá	BA	Pinturas	—	—
02 Gruta do Bode (BA-CS-07 e BA-22)	Ituaçu	BA	Pinturas	22/05/1967	—
03 Lagoa (BA-CS-[08 ou 04?] e BA-23)	Ituaçu	BA	Pinturas	23/05/1967	—
04 Cachoeira (BA-CS-09 e BA-24)	Ituaçu	BA	Pinturas	23/05/1967	—
05 Gruta de Mandiaçu (BA-RS-02 e BA-33)	Serra Solta	BA	Pinturas, lítico e cerâmica	26/05/1967	—
06 Gruta do Morro das Porteiras (BA-RC-07 e BA-36)	Santana dos Brejos	BA	Pinturas	26/05/1967	—
07 Morro Pintado nº 1 (BA-RC-11 e BA-40)	Coribe	BA	Pinturas	26/05/1967	—
08 Morro Pintado nº 2 (BA-RC-12 e BA-41)	Coribe	BA	Pinturas	26/05/1967	—
09 Abrigo da Pedreira das Lajes (BA-CN-06 e BA-42)			Morro do Chapéu	BA	Pinturas
<del>26/05/1967</del>					

*sítios ou regiões, associados de maneira similar, atribuindo cada uma delas ao complexo cultural de grupos étnicos diferentes que as transmitiram e difundiram, gradualmente modificados, através do tempo e do espaço”* (Calderón, 1983 [1967]: 13).

8 *“Esta tradição, estudada pela primeira vez no norte da Chapada Diamantina (...) se caracteriza pelos esforços realizados em todas as suas fases para reproduzir figuras antropomorfas ou zoomorfas com a maior fidelidade, permitindo identificar, facilmente, as ações que estão realizando”* (Calderón, 1983 [1971]: 30).

9 *“Esta é a mais abundante e espalhada por todo o País. Geométrica ou grosseiramente figurativa, deve corresponder a povos marginais, com cultura muito primitiva. Encontramo-la na Caverna do Bode, na Serra Solta, no Rio São Francisco (Curaçá e Petrolina) e em diversos pontos da Chapada, especialmente nos sopés desta, perto da estrada que vai de Irecê ao Morro do Chapéu. São sempre motivos isolados sem correlação aparente. Superpõem-se e misturam-se sem conservar nenhuma harmonia, variando bastante quanto à forma. Podem ser simples círculos ou espirais, assim como complicados desenhos lineares altamente elaborados como os que se podem ver na Serra Solta.”* (Calderón, 1983 [1967]: 15-16).

10 Nos arquivos do MAE não existem coordenadas geográficas para os sítios de Calderón, ao mesmo passo que muitos registros carecem de informações básicas que permitam retornar seguramente ao sítio.

## Sítios rupestres levantados por Valentin Calderón

(Continuação)

Sítio	Município	UF	Vestígio	Data	Obs.
10 Boqueirão do Brejo (BA-CN-07 e BA-43)	Morro do Chapéu	BA	Pinturas	26/05/1967	—
11 Serra das Lajes nº 1 (BA-CN-08 e BA-44)	Morro do Chapéu	BA	Pinturas	26/05/1967	—
12 Serra das Lajes nº 2 (BA-CN-09 e BA-45)	Morro do Chapéu	BA	Pinturas	26/05/1967	—
13 Serra das Lajes nº 3 (BA-CN-10 e BA-46)	Morro do Chapéu	BA	Pinturas	26/05/1967	—
14 Serra da Lagoa da Velha (BA-CN-11 e BA-47)	Morro do Chapéu	BA	Pinturas	26/05/1967	—
15 Toca do Pintado (BA-CN-12 e BA-48)	Morro do Chapéu	BA	Pinturas	25/05/1967	—
16 Abrigo da Estrada (BA-CN-13 e BA-49)	Morro do Chapéu	BA	Pinturas	26/05/1967	—
17 Abrigo da Cachoeira do Regato (BA-CN-14 e BA-50)	Morro do Chapéu	BA	Pinturas	26/05/1967	—
18 Fazenda Jaboticaba (BA-CN-15 e BA-51)	Morro do Chapéu	BA	Pinturas	26/05/1967	—
19 Abrigo do Manelão (BA-CN-21 e BA-57)	Morro do Chapéu	BA	Pinturas	28/05/1967	—
20 Encontro dos Rios (BA-CN-28 e BA-64)	Morro do Chapéu	BA	Pinturas	28/05/1967	—
21 Poço da Quarana (BA-CN-29 e BA-65)	Morro do Chapéu	BA	Pinturas	28/05/1967	—
22 Itacoatiara (BA-FC-01 e BA-68)	Xique-Xique	BA	Pinturas	28/05/1967	—
23 Beira da Serra de Guiné (BA-CS-13)	Mucugê	BA	Pinturas	—	—
24 Cidade Abandonada sigla	Sincóra	BA	Pinturas	—	S e m
25 2ª Zona São Francisco sigla	Curaçá	BA	Pinturas, e erâmica, ósseo e miçangas	—	S e m
26 Gruta dos Vícios sigla	Ibiquara	BA	Pinturas	1964	S e m
27 Gruta de Lagedinho sigla	—	BA	Pinturas	1964	S e m
28 Gruta de João Corrêa sigla	Musugê	BA	Pinturas	1964	S e m
29 Gruta do Luizinho sigla	Ituaçu	BA	Pinturas	1964	S e m
30 Gruta da Ricarda sigla	Ituaçu	BA	Pinturas	1964	S e m
31 Gruta do Morcego sigla	Ituaçu	BA	Pinturas	1964	S e m
32 Gruta da Mesquita sigla	Ituaçu	BA	Pinturas	1964	S e m
33 Gruta do Urubu sigla	Ituaçu	BA	—	1964	S e m
34 Gruta do Tupã sigla	Ituaçu	BA	Pinturas	1964	S e m
35 Gruta da Mangabeira sigla	Ituaçu	BA	—	1964	S e m
36 Gruta do Morro do Urubu sigla	Ituaçu	BA	—	1964	S e m
37 Gruta de Arrasta Saco sigla	Ituaçu	BA	—	1964	S e m
38 Gruta do Morro da Cal sigla	Ituaçu	BA	Pinturas	1964	S e m
39 Gruta do Candeias sigla	Ituaçu	BA	Pinturas	1964	S e m
40 Gruta da Cabocla sigla	Ituaçu (Paiol)	BA	Pinturas	1964	S e m
41 Incrições das Cunhambebas sigla	Ituaçu	BA	—	1964	S e m
42 Incrições do buracão	Ituaçu	BA	—	1964	S e m

Trata-se do “Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico”, financiado pela Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF), realizado na área da cota de inundação do lago da barragem de Sobradinho, quando de sua construção no Vale do São Francisco, na Bahia<sup>11</sup>. Embora este salvamento seja integralmente atribuído a Calderón, cujo relatório publicado leva o seu nome (Calderón *et alli*, 1977), de fato, as atividades de campo pouco tiveram a sua participação. Neste salvamento coube a Calderón a coordenação distante do projeto<sup>12</sup>, viabilizado em função da sua notoriedade como cientista<sup>13</sup>. Desta maneira, a execução e responsabilidade direta das atividades ficaram a cargo de Yara Ataíde e Ivan Dórea, “discípulos” de Calderón (Martín, 1999: 42).

A área do lago da barragem de Sobradinho tem, em linha reta, cerca de 300km de extensão, onde apenas se identificaram 28 sítios, nos quais foram feitas prospecções, pequenas sondagens e coletas de materiais. Do universo artefactual resgatado, sobressaem-se pilões, mãos-de-pilão e cerâmicas. No relatório publicado, não existe nenhuma datação ou estudo dos materiais, apenas listagens preliminares.

Dentre os sítios observados, 8 são de representação rupestre, como aparecem nos dados sumarizados no relatório publicado. Todavia, pode-se encontrar maiores informações nos arquivos do MAE. São os sítios:

## **AS REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NOS ANOS 80: AS PESQUISAS NA BARRAGEM DE ITAPARICA**

---

11 Os trabalhos abrangeram os municípios de Casa Nova, Cajuí, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé e Sobradinho.

12 Isto porque, como foi dito, Calderón estava envolvido com as atividades do Museu de Arte Sacra da UFBA, de onde era Diretor e pesquisador ativo.

13 Neste ponto torna-se indispensável ressaltar que em 1976 Calderón recebeu o grau de Comendador da Ordem do Mérito da Bahia, conferido pelo Grão Mestre o Governador do estado da Bahia (Decreto de 01 de julho de 1976), e no ano seguinte o grau de Oficial da Ordem de Rio Branco, outorgado pelo Grão Mestre o Presidente da República Federativa do Brasil (Decreto de 06 de abril de 1977).

### Sítios rupestres levantados no salvamento arqueológico da barragem de Sobradinho<sup>14</sup>

Sítio	Município	UF	Vestígio	Data	Obs.
01 Pimenta (BA-SF-105)	Casa Nova	BA	Pinturas e pilão de pedra	17/04/1976	—
02 Lagoas Novas (BA-SF-106)	Casa Nova	BA	Cerâmico, lítico e pinturas	24/04/1976	—
03 Encaibro ou Incaibro (BA-SF-107)	Sento Sé	BA	Pinturas	12/04/1976	—
04 Pedra Branca (BA-SF-116)	Casa Nova	BA	Pinturas	19/07/1976	—
05 Calumbi (BA-SF-119)	Sento Sé	BA	Lítico, cerâmico, pilões e pinturas	26/07/1976	—
06 Serra do Tabuleiro Alto (BA-SF-121)	Cajui	BA	Pinturas e gravuras	05/08/1976	—
07 Serra do São Gonçalo (BA-SF-122)	São Gonçalo	BA	Pinturas	02/08/1976	—
08 Brejo de Dentro (BA-SF-128)	Sento Sé	BA	Pinturas	19/01/1977	—

Refere-se ao “Projeto Itaparica de Salvamento Arqueológico” realizado entre 1984 e 1987, que cobriu a área da cota de inundação do lago da barragem de Itaparica, cerca de 100km em linha reta entre a Bahia e Pernambuco, financiado pela CHESF. Tendo em vista o caráter interestadual do trabalho, sua execução foi dividida entre duas equipes: os estudos na margem pernambucana ficaram sob a responsabilidade da Universidade Federal de Pernambuco, que tiveram a coordenação de Gabriela Martín; e os estudos da margem baiana pela Universidade Federal da Bahia, sob a coordenação de Pedro Agostinho.

Os trabalhos na margem baiana abrangeram os municípios de Chorrocho, Glória e Rodelas, quando foram localizados pouco mais de 200 sítios, dentre os quais 15 de representação rupestre, que foram divididos em: 1) abrigo aberto; 2) afloramento rochoso a céu aberto, na beira de um curso d’água; 3) afloramento rochoso a céu aberto, isolado sobre várzea. Além dos abrigos, dentre o acervo resgatado constam materiais líticos lascados, cerâmicos e alguns poucos sepultamentos (Etchevarne 1992, 1995, 2002b). Embora atualmente estejam submersos no lago da barragem, nos arquivos do MAE podem se ver informações sobre os seguintes sítios rupestres<sup>15</sup>:

<sup>14</sup> Nos arquivos do MAE, não existem coordenadas geográficas para os sítios de Sobradinho.

## O PANORAMA ATUAL DOS ESTUDOS COM REPRESENTAÇÃO RUPESTRE NA BAHIA

Tendo em vista as dimensões do estado da Bahia, poucos são os estudos realizados com representações rupestres, de maneira a permitir Sítios rupestres levantados no salvamento arqueológico da barragem de Itaparica

Sítio	Município	UF	Vestígio	Data	Obs.
01 Pedra do letreiro (BA-FN-5 e PSAI-1)	Glória (Serra dos Negros)	BA	Pinturas	17/04/1984	---
02 Serra do Maroto (BA-FN-9 e PSAI-5)	Glória (Salgado dos Benícios)	BA	Pinturas	23/04/1984	---
03 Ponta da Serra (BA-FN-10 e PSAI-6)	Glória (Bode Assado)	BA	Pinturas	24/04/1984	---
04 Itacoatiara I (BA-FN-11 e PSAI-7) Serra do Curral)	Rodelas (Riacho Itacoatiara,	BA	Cerâmica, lítico e gravuras	---	---
05 Itacoatiara III (BA-FN-13 e PSAI-9) Serra do Curral)	Glória (Riacho Itacoatiara,	BA	Gravuras	---	---
06 Itacoatiara V (BA-FN-14 e PSAI-10)	Rodelas (Itacoatiara)	BA	Cerâmico e gravuras	---	---
07 Bebedouro das Pedras (BA-FN-17 e PSAI-13)	Rodelas (Tapera)	BA	Gravuras	21/01/1985	---
08 Pedra da Moeda do Sr. Clarindo (BA-FN-18 e PSAI-14)	Glória (Penedo)	BA	Gravuras	21/01/1985	---
09 Itacoatiara VII (BA-FN-24 e PSAI-20)	Rodelas (Riacho Itacoatiara)	BA	Habitação e Gravuras	---	---
10 Géio (BA-FN-37 e PSAI-33)	Rodelas (Penedo)	BA	Gravuras	---	---
11 Nossa Senhora de Fátima	Santana	BA	Pinturas	14/07/1987	Sem sigla
12 Pedra Escrita	Santana	BA	Pinturas e cerâmica	27/07/1987	Sem sigla
13 Pedra Escrevida	Santana	BA	Pinturas	11/07/1987	Sem sigla
14 Pedras do Chapéu	Lençóis	BA	Pinturas	---	Sem sigla
15 Bella Vista	---	---	Pinturas	27/04/1990	---

15 Aqui, indicamos veementemente a consulta à tese de doutorado de Carlos Etchevarne (1995), onde faz um minucioso e sistemático estudo dos padrões de ocupação dos sítios da margem baiana da barragem de Itaparica.

construir perfis gráficos<sup>16</sup> acerca dos grupos que ocuparam o estado.

Dentre os principais trabalhos realizados, no município de Central e regiões circunvizinhas no oeste baiano, uma equipe coordenada por Maria Beltrão, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro e arqueóloga do Museu Nacional, tem atuado desde 1984 de maneira quase contínua, realizando levantamentos e escavações em sítios arqueológicos. Seus estudos nos sítios rupestres têm associado os grafismos a eventos celestes (cometas, lua, sol e estrelas, identificando calendários lunares, etc.), vinculando-os tematicamente àquilo que chamou de “Tradição astronômica”, bem como associando a confecção de algumas pinturas ao uso de substâncias alucinógenas, mais especificamente àquelas que chamou de “Tradição geométrica” (Beltrão, 2000).

No sudoeste baiano e leste de Goiás, Pedro Ignácio Schmitz, Diretor do Instituto Anchieta de Pesquisas da Universidade do Vale dos Sinos, coordenou o “Projeto Serra Geral”, quando localizou, próximo ao Rio São Francisco, 10 sítios com pinturas rupestres que filiou a Tradição São Francisco. Nestes sítios, Schmitz realizou um minucioso estudo dos painéis, com desenhos sistemáticos dos sítios, quando buscou associar as pinturas aos contextos arqueológicos escavados, relacionando-as aos suportes utilizados e às formas de apropriação dos paredões rochosos (Schmitz *et alli*, 1997).

Mais recentemente, no norte do estado, Celito Kesting, professor do curso de arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco e pesquisador da Fundação Museu do Homem Americano,

---

16 Segundo Anne Marie Pessis, o perfil gráfico de cada sítio constitui os aspectos tecnológicos, temáticos e cenográficos (1993: 12). Aliado ao conceito de perfil gráfico, Pessis propõe o de identidades gráficas, que são “(...) constituídas por um conjunto de características que permitem atribuir um conjunto de grafismos a uma determinada autoria social” (Ib.: 12); Pessis complementa a idéia ao afirmar que as “(...) identidades gráficas (...) poderão ser estabelecidas a partir de um conjunto de sítios nos que se dispõe de perfis gráficos (...)” (Ib.: 11). Por sua vez, de acordo com Raoni Valle “O perfil gráfico expressa juntamente com as características das formas (morfologias) as disposições espaciais destas formas (características cenográficas), as propriedades visíveis das técnicas de execução do gravado, a reconstituição das cadeias operacionais de confecção, matéria prima do suporte e reconstituições hipotéticas gestuais e instrumentais. O conjunto de padrões gráficos assinalados no perfil de uma determinada área arqueológica caracteriza a identidade gráfica do acervo rupestre respectivo” (2003: 7).

estudou 31 sítios existentes no Boqueirão do Riacho de São Gonçalo, no município de Sento Sé, situado em parte do território que definiu como “Área arqueológica de Sobradinho<sup>17</sup>” (2001, 2002, 2003a e 2003b). Seus estudos têm buscado reconhecer os perfis gráficos das representações rupestres da área citada, a fim de possibilitar um ponto inicial a comparação com perfis gráficos reconhecidos em outras áreas e, assim, junto com evidências arqueológicas e geológicas, tentar estabelecer rotas de influência gráfica dos grupos pré-coloniais, bem como criar condições à identificação de prováveis sítios pleistocênicos.

Trabalhos de levantamento de sítios rupestres no estado têm sido realizados por Cláudia Cunha Kachimareck, com os próprios recursos, mas, com o apoio institucional do Laboratório de Arqueologia e do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia, oportunizando registrar inúmeros sítios em Morro de Chapéu e Oliveira dos Brejinhos, dentre outros municípios, além de estudos pontuais relativos as tradições rupestres recorrentes nos abrigos (Kachimareck, 2002; Morales Jr e Kachimareck, 2004).

Por fim, no Laboratório de Arqueologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Carlos Etchevarne tem buscado os meios para iniciar uma linha de pesquisa com representações rupestres. Neste panorama, tem realizado levantamentos, pareceres e estudos nos municípios de Itaparica (1995, 2002b), Juazeiro (1997), Morro do Chapéu (2000a) e, em especial, Iraquara (1998, 2002b), onde tem negociado com o poder executivo municipal para criar um núcleo de pesquisa, ensino e aproveitamento turístico na região. Não obstante os estudos específicos, Etchevarne têm organizado seminários acerca do tema<sup>18</sup>, a fim de divulgar e agregar interessados na conservação e estudo dos inúmeros sítios de pinturas e gravuras do estado. Além disto, em 2001, conseguiu expandir a linha de concentração em antropologia do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (de onde é professor), que passou a ser concentração em antropologia/arqueologia, além de estreitar os vínculos com o Programa de Pós-Graduação em Arqueologia / Conservação do Patrimônio da Universidade Federal de Pernambuco.

---

17 A Área arqueológica de Sobradinho abrange os municípios baianos de Casa Nova, Cajuí, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé e Sobradinho, no perímetro que corresponde ao lago da barragem de Sobradinho.

Por sua vez, num esforço conjunto e paralelo ao de Etchevarne, particular interesse nos estudos com representações rupestres tem demonstrado a nova direção no MAE/UFBA, especificamente o Diretor Carlos Caroso, que vem buscado viabilizar os recursos necessários para projetos que visem a produção de conhecimento acerca das populações pré-coloniais do estado, através de atividades de pesquisa, ensino e extensão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso intuito, ao apresentar os dados obtidos na documentação primária do MAE/UFBA, é de animar um novo cenário à pesquisa com representação rupestre na Bahia. Temos as fichas acerca dos sítios noticiados<sup>19</sup>, com as devidas referências à documentação primária; aliado a isto, todo interesse em disponibilizar os dados obtidos. Num panorama em que publicações são poucas ou inexistentes, estas informações parecem ser as únicas vias ao retorno de parte daquilo que foi pesquisado no estado<sup>20</sup>.

Não pode se perder de vista que o Nordeste brasileiro tem despontado com áreas referenciais no estudo das representações rupestres (áreas de enclaves arqueológicos<sup>21</sup>), pelo longo tempo de permanência de grupos de pesquisa nas áreas estudadas e conseqüentes acúmulos de resultados sistemáticos – notadamente a área do Parque Nacional da Serra da Capivara no sudoeste do Piauí (Pessis, 2003) e do Seridó nordestino, no Rio Grande do Norte e na Paraíba (Martín, 2003: 11-32). Por sua vez, a Bahia, com mais de 70% de seu território inserido no polígono das secas, divide o mais importante recurso hídrico do Nordeste – o rio São Francisco com seus respectivos rios tributários – com os estados de

---

18 I Seminário de Arqueologia, ocorrido em 2001, no âmbito da FFCH/UFBA, tendo como palestrantes principais Denis Vialou e Águeda Vilhena Vialou, e o II Seminário de Arqueologia, ocorrido em 2004, no Museu Geológico da Bahia, tendo como palestrantes principais Niéde Guidon, Anne Marie Pessis e Gabriela Martín.

19 Até então dispomos de dados de 78 (setenta e oito) sítios, sendo: 55 (cinquenta e cinco) na coleção Valentin Calderón; 08 (oito) na coleção AAPHB Sobradinho; e 15 (quinze) na coleção AAPHB Itaparica.

20 Como é comum em levantamentos documentais, os registros de sítios antigos apresentaram poucas informações, se comparados com os mais recente mais recentemente, nos quais o número de informações é maior.

Pernambuco, de Sergipe e de Alagoas, estando, ainda, a menos de 50km da divisa com o Piauí (portanto, na depressão sanfranciscana), sendo, possivelmente, área de influência mútua de grupos humanos que viveram nos diferentes espaços destes territórios. Desta maneira, de saída, impõe-se uma sugestiva perspectiva à pesquisa do Nordeste brasileiro, na qual chamamos a atenção ao território baiano.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Aurea Tavares, a Cláudia Cunha, a Fabiana Comerlato e a Leandro Silva pelas leituras, críticas e sugestões a este trabalho. Agradeço a Antônio Matias pelos esclarecimentos concedidos acerca da atuação de Calderón. A responsabilidade pelo conteúdo expresso restringe-se ao autor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO, Maria. **Ensaio de arqueologia: uma abordagem transdisciplinar**. Rio de Janeiro, Zit. Gráfica e Editora, 2000.

CALDERÓN, Valentin; ATAIDE, Yara; DÓREA, Ivan. **Relatório das atividades de campo realizadas pelo “Projeto Sobradinho de salvamento arqueológico”**. Bahia: CHESF, 1977.

CALDERÓN, Valentin. “Nota previa sobre três fases da arte rupestre

---

21 A idéia de enclave arqueológico refere-se a “(...) *uma unidade territorial com densa concentração de vestígios arqueológicos indicadores da presença humana em diacronia contínua. Nestas áreas, escolhidas como unidades de estudos, considera-se a interação homem-meio desde a pré-história até os dias atuais. Uma área de pesquisa arqueológica constitui também uma unidade territorial, com importante quantidade de vestígios arqueológicos, mas, para a qual, não se dispõe de dados suficientes que indiquem uma ocupação humana contínua. As áreas arqueológicas representam o ponto de partida para identificar “enclaves” nos quais se poderá determinar a presença humana contínua durante longos períodos de tempo*” (Guidon *et alli*, 1990: 125).

no estado da Bahia”. **Estudos de Arqueologia e Etnologia**. Salvador: UFBA, 1983 [1967], p.5-23.

\_\_\_\_\_. “Investigação sobre a arte rupestre no planalto da Bahia: as pinturas da Chapada Diamantina”. **Estudos de Arqueologia e Etnologia**. Salvador: UFBA, 1983 [1971], p.25-35.

COSTA, Carlos. **Elaboração de instrumento documental para registro de sítios das coleções arqueológicas do MAE/UFBA**. Salvador: FFCH/UFBA, 2002 (trabalho de final de curso de graduação).

ETCHEVARNE, Carlos. “Sítios dunares do Sub-Médio São Francisco, Bahia, Brasil”. **Journal Société des Americanistes, LXXVIII-I**. Paris: JSA, 1992, p.57-71.

\_\_\_\_\_. **Étude de l’appropriation des ressources du milieu: les populations pré-coloniales sanfranciscaines, dans l’état de Bahia (Brésil)**. Paris: Museum National d’Histoire Naturelle / Institut de Paleontologie Humaine, 1995 (tese de doutorado).

\_\_\_\_\_. **Parecer sobre sítios arqueológicos de arte rupestre na Serra do Mulato, Município de Juazeiro**. Salvador: CBPM/UFBA 1997 (texto digitado).

\_\_\_\_\_. “As representações Rupestres de Iraquara”. In: **Congresso Internacional de Arte Rupestre**. Vila Real, s/e, 1998 (texto digitado).

\_\_\_\_\_. **Parecer Técnico Sítio Lajeado Bordado, município Morro do Chapéu, Estado da Bahia**. Salvador: UFBA, 2000a (texto digitado).

\_\_\_\_\_. “A ocupação humana do nordeste brasileiro antes da colonização portuguesa”. **Revista USP. Dossiê antes de Cabral: arqueologia Brasileira – I**. São Paulo: EDUSP, 2000b, p.112-141.

\_\_\_\_\_. “Uma proposta de ação integrada para as áreas arqueológicas e pinturas rupestres, em Iraquara, BA”. **FUMDHAMENTOS II, V. 1**. São Raimundo Nonato: FUMDHAM, 2002a, p.219-229.

\_\_\_\_\_. “Ambiente e ocupação humana em uma região do Sub-Médio São Francisco, Bahia”. **CLIO Arqueológica, n. 15, V. 1**. Recife: EDUFPE, 2002b, p.61-88.

GUIDON, Niède; PESSIS, Anne-Marie; MARTÍN, Gabriela. “Linha de pesquisa: o povoamento pré-histórico do Nordeste do Brasil”. **CLIO Arqueológica, n. 13, V. 1**. Recife: EDUFPE, 1990, p.123-125.

KACHIMARECK, Claudia Cunha. “Nota prévia: descrição comparativa de três sítios de arte rupestre na região de Oliveira dos Brejinhos – Bahia – Brasil”. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia, v. 02**.

Lisboa: s/e, 2002.

KESTERING, Celito. **Registros rupestres da área arqueológica de Sobradinho, BA**. Recife: Programa de Pós-Graduação em História / UFPE, 2001 (dissertação de mestrado).

\_\_\_\_\_. “Registros rupestres da área arqueológica de Sobradinho, BA”. **CLIO Arqueológica**, n. 15, V. 1. Recife: EDUFPE, 2002, p.131-156.

\_\_\_\_\_. “Estratégias de conservação das pinturas rupestres do Boqueirão do Riacho de São Gonçalo, em Sobradinho, BA”. **CLIO Arqueológica**, n. 16, V. 1. Recife: EDUFPE, 2003a, p.49-66.

\_\_\_\_\_. “Grafismos puros nos registros rupestres da área de Sobradinho, BA”. **FUMDHAMENTOS III, V. 1**. São Raimundo Nonato: FUMDHAM / PPARQ-UFPE, 2003b, p.163-176.

LIMA, Tânia Andrade. “Repensando uma relação: os arqueólogos e o IPHAN”. **IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Rio de Janeiro: SAB, 1997.

MARTÍN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**, 3ª edição atualizada. Recife: EDUFPE, 1999.

\_\_\_\_\_. “Fronteiras estilísticas e culturas na arte rupestre da área arqueológica do Seridó (RN, PB)”. **CLIO Arqueológica**, n. 16, V. 1. Recife: EDUFPE, 2003, p.11-32.

MORALES JR, Reinaldo; KACHIMARECK, Cláudia Cunha. “Chapada Diamantina rock art: new evidence of Nordeste Tradition variations in Bahia, Brazil”. **American Indian Rock Art**, v. 30. EUA: s/e, 2004, p.137-148.

OTT, Carlos. **Vestígios de cultura indígena no sertão da Bahia**, publicações do Museu da Bahia, nº 05. Salvador: Secretaria de Educação e Saúde, 1945.

\_\_\_\_\_, Carlos. **Pré-história da Bahia**. Salvador: Progresso editora, 1958.

PESSIS, Anne-Marie. “Registros rupestres, perfil gráfico e grupo social”. **CLIO Arqueológica**, nº 9, V. 1. Recife: UFPE, 1993, p.7-19.

\_\_\_\_\_. **Imagens da pré-história. Parque Nacional da Serra da Capivara**. São Raimundo Nonato: FUMDHAM / Petrobrás, 2003.

PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. Brasília: UNB, 1992.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; BARBOSA, Mariza Oliveira; RIBEIRO, Maíra Barberi. **As pinturas do Projeto Serra Geral**, publicações avulsas nº 12. São Leopoldo: IAP/UNISINOS, 1997.

SUBSECRETARIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Inventário dos sítios arqueológicos, V. 1 (Bahia) e**

Canindé, Xingó, nº 6, Dezembro de 2005

**V. 2 (Goiás).** Brasília: SPHAN – pró-memória, 1984.

VALLE, Raoni. **Gravuras pré-históricas da área arqueológica do Seridó Potiguar/Paraibano: um estudo técnico cenográfico.**

Recife: UFPE, 2003 (dissertação de mestrado).

